



Quinzenário — Autorizado pelos CTT a circular em invólucro fechado de plástico — Envoi fermé autorisé par les PTT portugais — Autorização N.º 190 DE 129495 RCN

27 de Janeiro de 2001 • Ano LVII - N.º 1484
Preço 40\$00 (IVA incluído) — Propriedade da Obra da Rua Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo • Director: Padre Carlos • Chefe de Redacção: Júlio Mendes
Redacção, Administração, Oficinas Gráficas: Casa do Gaiato — 4560-373 Paço de Sousa
Tel. (255) 752285 - FAX 753799 — Cont. 500788898 — Reg. D. G. C. S. 100398 — Depósito Legal 1239

Notas do Tempo

TODOS sabemos que não é um virar de folha no calendário que muda magicamente o curso dos acontecimentos. Mas sempre um fim de ano (e neste coincidem o do século e do milénio) é solicitação para olhar para trás em jeito de análise e de balanço. E, inevitavelmente, surge a comparação dos tempos, sobretudo quando o nosso próprio fim se aproxima após cinquenta e um anos de empenhamento no projecto de «fazer de cada rapaz um homem» — a dívida essencial que Pai Américo contraiu relativamente a quantos passaram pela nossa Obra.

Porém, numa visão global da Humanidade, me parece estar neste desiderato, a construção de um Mundo melhor onde a Justiça seja a «pedra angular» da Paz e a solidariedade tenda, sincera, eficazmente, para a fraternidade, fundamento real e insubstituível da Família Humana.

Que os não sei quantos biliões de seres humanos não sejam apenas uma categoria zoológica. Eles são únicos entre todas, porque só eles dotados de Inteligência e de Vontade, as faculdades espirituais que os tornam capazes da Liberdade. E educar é, exactamente, preparar o homem para a hierarquia interior a cada um, segundo a qual quanto neles é comum às outras categorias zoológicas será regido pelo espírito que o singulariza. E ainda que o estabelecimento desta hierarquia experimente resistências, a ultrapassagem delas leva a uma meta de paz que é sinal de educação conseguida.

Só depois de e mediante este poder hierárquico alcançado, o homem está capaz e será digno de gerir todo o património da Criação. É dele, é de cada homem, da lucidez da sua consciência e do exercício lógico com esta lucidez, que depende o futuro da Humanidade, um futuro pacífico, feliz — o mais profundo e universal desejo do ser humano.

A História é pródiga em pensamento, em filosofias que deram o ser a sistemas sociais que sempre arvoram o homem em bandeira e se afirmam defensores do seu bem-estar e da sua liberdade.

Experiências se fizeram, e continuam, num espectro cujos extremos a gíria em uso chama de esquerda e de direita — e a que conclusão efectiva conduziram: Sociedades mais estáveis em que os homens se sintam mais seguros, mais livres?... E se no meio destas experiências aconteceu a heresia do Consumismo, endeusando bens caducos e outros, muito válidos que o progresso científico-técnico foi realizando, cuja posse se apresenta como fonte de felicidade — não vivemos, pelo contrário, um tempo de alienação de que a droga é, porventura, o exemplar mais típico e mais flagelador e as depressões psíquicas um fenómeno cada vez mais generalizado?

Se no plano dos indivíduos assistimos a esta tentativa de fuga para a frente que não pode conduzir a verdadeiros valores porque assente em falsos, no plano social e à escala do mundo, constata-se — e apesar dos esforços em cuja sinceridade quero acreditar! — que se acentua cada vez mais

o fosso das desigualdades fundamentais entre os homens, não só dos vários «mundos» em que se dividiu o Mundo (estas abismais!) como dentro de cada um destes «mundos».

Há, pois, erros crassos na gestão do Mundo entregue por Deus ao Homem desde a Criação. Há dois mil anos Jesus Cristo veio, não para os remediar directamente, mas para dar aos homens uma Boa Notícia que, entendida, assimilada e posta em prática, porá ao seu alcance os remédios necessários. É uma Boa Notícia parca de palavras mas infinita no conteúdo. Não é para ser reflectida por cada um para si mesmo, mas para que cada projecte a reflexão, através da sua vida, na vida social. Não refere o Paraíso para cada um porque Ele veio trazer a Salvação a todos e quer que a todos chegue. O Evangelho é o Documento Constitucional para a Eternidade..., mas a começar no Tempo, válida para o Tempo. Porque nomeou Jesus os Seus discípulos: «Vós sois o sal da Terra»? «Vós sois a luz do Mundo»?

É verdade que cada homem nasce numa sociedade e recebe dela profundas influências. Mas tal facto não lhe consente demitir-se de construtor dela. O Homem é primeiro que a sociedade e ela sempre para ele. Claro que esta construção exige regras, até regras humanas. Mas os princípios estão no Evangelho e nunca as regras (como as leis humanas não podem contrariar a Constituição do País) podem contrariá-los. Daí que a sociedade, produto do homem e dirigida a ele, tenha ela mesma, no seu próprio Organismo, a preocupação primeira de não deixar que o homem se dilua nela, antes valorizá-lo sempre como seu autor e seu fim.

Continua na página 3



Alegria esufiante na Casa do Gaiato de Benguela

BENGUELA

Contrastes

A vida também é feita de contrastes. São histórias de todos os dias. Ontem, sexta-feira, houve um momento muito feliz, entre os mais. Foi dia da prova de avaliação da centena de mulheres que frequentam a Alfabetização. São, no geral, todas mães, cercadas pelos filhos. Ocupam o seu tempo nas actividades agro-pecuárias da Casa do Gaiato. Não precisamos do trabalho da maioria delas, doutras e dos

homens também. Não buscamos quaisquer lucros de ordem económica. Elas e eles precisam de nós para poder andar de cabeça erguida. De contrário, ficariam no chão.

A nossa missão é ajudar as pessoas a caminhar. É dar a mão. Não podemos caminhar sozinhos. Ninguém pode caminhar sozinho. Não somos ilhas. Vivemos esta experiência diariamente. Como podíamos estar de pé, se não viesse a ajuda das

vossas mãos? Tive que o dizer, outro dia, numa assembleia de gente importante, muito intrigada com o nosso caminhar cheio de confiança. — *Donde vêm os vossos fundos?* — perguntaram. — É o povo que nos ajuda, é o povo de Portugal. Estamos felizes por sermos os caminhos de tamanha generosidade. A centena de mulheres alfabetizadas canta, à medida que vai caminhando.

É uma gotinha d'água no oceano, poderão dizer. É verdade. Mais de 75% das mulheres angolanas são analfabetas. Fazemos, entretanto, o que podemos. Estamos contentes, mas não satisfeitos. Levamos este pequenino projecto inteiramente por nossa iniciativa, em resposta a uma necessidade nacional. Tudo por nossa conta: professores e material escolar. Gosto de colocar esta luz sobre o alqueire para que outras forças venham e levem também parte desta carga amorosa que só traz felicidade. Ninguém mais sabe, a não ser Deus que é o Autor de todas as causas nobres, nós e os que nos visitam à hora da Escola. — *Que Escola admirável!*, dizia alguém, ao contemplar as turmas de olhos fixos no quadro escolar, debaixo das árvores da nossa Aldeia. É preciso ver. É preciso experimentar para medir a grandeza das coisas verdadeiras. Coisas pequeninas! Lembrei-me, de repente, da parábola do

Continua na página 3

Setúbal

Quem acolhe os Pobres?

COM a peregrinação natalícia da Paróquia do Seixal vieram o Hélder e o Luís, dois rapazes que tanto à paróquia como a nós têm acarretado muito sofrimento.

A Paróquia e a Casa do Gaiato foram e são a sua família. As duas comunidades enleadas pelo amor de Deus sofrem, amando, na expectativa de uma verdadeira maturidade humana dos dois jovens!

Sobretudo o Luís, fugiu tantas vezes! Experimentaram-se tantas hipóteses: Esteve no Tojal por três vezes, depois de outras tantas em Setúbal!

Iusões e desilusões em catadupa que só o verdadeiro amor é capaz de suportar!

Quando os vi na caravana da Comunidade Eucarística do Seixal, à vontade e com alegria, tive uma sensação de humanidade linda — de

beleza incomparável...! Era a formosura da minha Igreja a revelar-se nesta Epifania de 2001. O Amor que não se cansa, não desiste, não desespera — como cantou S. Paulo.

Apesar de tudo, não encontro no mundo de hoje, escola de humanidade que se possa igualar à da Igreja! *Ela é Mãe*. O Padre Américo encantou-se e cantou como poucos, esta prerrogativa da Comunidade cristã.

Quem acolhe os Pobres? Os doentes? Os idosos? Os caídos? Quem se empenha e nunca desanima apesar das perseguições, das mortes e do sarcasmo do mundo? Quem? Onde está? Onde esteve em toda a história do homem? Quem, como a Igreja de Jesus!?

Igreja empobrecida

NO meu último contacto com Moçambique vi uma Igreja muito empobrecida! Expoliaram-na de tudo. Mataram-lhe os padres e as religiosas. Mas Ela está viva e actuante como mais ninguém. Apesar de exausta é o único baluarte de refúgio e amparo desinteressado dos povos, cristãos ou não. O resto é jogo!

Continua na página 3

Continua na página 4

Pelas CASAS DO GAIATO

Conferência de Paço de Sousa

MUNDO DOS QUE SOFREM — A mulherzinha fora ao médico dum Centro de Saúde por mor de uma doença que a aflige, e outra por mor do seu homem também. Ela tem mais de cinquenta, ele mais de oitenta anos.

Queixava-se da pneumonia que a prostrou, não há muito tempo: — *Com esta idade, quando a doença chega à gente depois sentimos bastante as consequências...*

O homem está retido no leito: — *Envelheceu, envelheceu muito...!*, acentua com tristeza. São mais d'oitenta...!

Procuramos ouvir dores desta gente simples, que nem sempre tem com quem desabafar: — *O meu home está muito mais velho agora, com os oitenta.*

Evidentemente, procurou que lhe dêssemos a mão na botica porque esta classe de gente pobre não suporta nem aguenta o custo dos medicamentos.

Se fôssemos a falar de sofrimentos teríamos mais para dizer. No entanto, não desejamos parar sem referir o trabalho insano daquela sobrinha que tomou à sua conta, em sua casa, a tia que foi vítima dum AVC, qual acto de heroicidade que não é vulgar, infelizmente, neste tempo... A samaritana não quis saber de gastos, de sacrifícios, de nada...! Louvado seja Deus!

Curiosamente, estes casos não passam despercebidos aos Leitores d'O GAIATO — como acentua a assinante 2560, de Rinchoa: «(...) O restante, do cheque, é para ajuda do problema citado no vosso último Jornal; da mãe de família que além dos seus azares ainda consegue coragem de alma para ajudar a tia com AVC!»

PARTILHA — Remanescente de contas, do assinante 33122, de Faro. Vinte mil, do assinante 71812, de Lisboa. «Avó dos cinco netinhos», de Setúbal, com cinco mil. Mais um remanescente, da assinante 43587, de Portimão. «Habitual contribuição» dos assinantes 5739 e 62041, de Contumil (Porto). «Pequena migalha do mês de Dezembro», pela mão da assinante 57002, da Senhora da Hora. Dez mil, do assinante 3654, do Porto. Um cheque repolhudo, do assinante 20464, «para necessidades urgentes» — casas para Pobres...!

O costume, da assinante 31104, da Capital: «Ajuda que eu te ajudarei — disse o Senhor. E eu, dando graças, alterei o donativo do mês de Dezembro, Natal de Jesus».

Assinante 8527, de Espinho: «Enviei um vale do correio de quinze mil escudos. Não especifiquei — como era habitual.

Também era pouco para fazer divisões, mas na maré não podia ser mais. Vai agora outro, para o que melhor entenderem. Peço desculpa pela trabalhadeira que lhes deu os meus quase 78 anos...!

Rio de Mouro: «Um cheque para o que for mais preciso à vossa missão. Que Deus vos ajude e dê forças» — acentua a assinante 22890.

O casal-assinante 9313, de Silvalde (Espinho), com uma carta riquíssima: «A vida é feita de alegrias, tristezas, mas também de alguma felicidade que chega sempre que temos Fé e Confiança em Deus! Fui criança, um dia, de poucos haveres e sem brinquedos... Dou graças ao Senhor pelo meu destino se ter escrito assim... Mais forte fiquei... Mais sensível me tornei a tudo o que se passa em meu redor. Não gosto da palavra impossível. Acredito que com trabalho e um empurrãozinho de Deus, tudo se consegue. Ele sempre me tem ajudado... Bem hajam Senhor, Deus do Céu e do Universo!» Não foi ele que escreveu. Foi ela com o seu coração maternal.

Aveiro: «Pequeno donativo da assinante 52748 para que o empreguem no que os Pobres mais precisarem. Peço apenas que me lembrem ao Senhor e toda a minha família».

Assinante 18801, da Quinta Pequena (Barreiro): «Vai a minha partilha que não é a que eu gostaria — mas a possível».

Cruz Quebrada: Sessenta mil, da assinante 14011, «para o que for mais urgente — medicamentos, obras em algumas habitações dos mais carenciados... — conforme achardes mais convenientes». Para tudo o que indica, há

valências — como dizem os tecnocratas.

As assinantes 49610 e 47307, de Leiria, «partilham mais uma migalhinha. Para nós o Natal é todos os dias e sempre que pudermos não deixaremos de estar presentes junto dos vossos Pobres».

Lisboa: Assinante 67823 «com uma migalhinha para as carências dos mais necessitados. São tantas as que leio n'O GAIATO que não ousa decidir. Façam o favor de decidir por mim. Obrigada!» Em mais nenhuma parte do mundo acontece assim!

Outra vez Lisboa: «Sou a assinante 17057. Eu sou infeliz. Mesmo como sou, o Senhor nunca me abandona. A vida não tem sido nada fácil, mas acho-a bela com a ajuda que recebo do nosso Deus. Faça-se a Sua vontade e nos ajude a entendê-la e a aceitá-la. Envio pouco, mas um dia será mais, quando compreender melhor o dom da partilha...»

De Paço de Arcos, cheque repartido da assinante 3119: «Muito obrigada pelo que me têm ajudado. Sou realmente a beneficiada». No princípio da carta, afirma: «Trato-o assim... porque 'conheço' o Júlio Mendes desde os primeiros números d'O GAIATO».

Cheque do assinante 71957, de Valongo, que diz: «Leio O GAIATO sempre e todo. Lembra e relata as carências do País 'global', País do 'ter' e não do 'ser'. A vida está difícil, mas há pessoas e sobretudo crianças e velhos que precisam muito mais do que nós». Muito bem!

O caso da sobrinha que tomou conta da tia, doente, mexeu a alma de mais dois assinantes: 14779, de Ferra-

gudo, e 2500 de Rinchoa (Rio de Mouro).

Porto: A habitual presença de «uma portuense qualquer» com as «primeiras migalhinhas de Ano Novo» — 15.000\$00. Cinquenta mil, do assinante 26358. Cheques das assinantes 12692, 34440, e 19860, todos do Porto.

Setúbal, «oferta de um casal vicentino». Mais outra, do assinante 35373, de Beja. Idem, da assinante 1121, de Vila Nova de Gaia: «Continuem a ajudarem-nos com a leitura do nosso 'Famoso' que tanto nos ajuda». Paço de Arcos: «A partilha de Outubro/Novembro», da assinante 5963. Dez mil, da assinante 26697, de Torres Vedras.

Retribuímos os votos de santo Ano Novo que nos enviaram.

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

O nosso endereço: Conferência do Santíssimo Nome de Jesus, a/c do Jornal O GAIATO, 4560-373 Paço de Sousa.

Júlio Mendes

PAÇO DE SOUSA

ESCOLAS — Já recomenciam pra todos nós. Prometemos tirar boas notas no período seguinte, para termos o que queremos na nossa vida.

MAU TEMPO — Temos tido muito chuva e vento. Cafaram bastantes ramos das árvores. As nossas roupas também sofreram porque não secam...

CARA NOVA — Recebemos mais um. Chama-se André. É conhecido por «Gorila». Vivia na Maia e tem oito anos. Estuda na Primária, na primeira-classe. Está feliz nesta Casa que tem tudo para ele.

Também há por cá um outro que é da Casa do Gaiato de Miranda do Corvo. Chama-se João Carlos. Anda no Porto a participar na arte de padeiro.

CONTENTOR — Mandámos mais um para Benguela, com muitas roupas, brinquedos e material escolar. E muita coisa de que eles precisam. Também uma carrinha nova.

Estamos a preparar um outro para Malanje. Aí precisam de tudo: produtos alimentares, etc.

PORCOS — Abatemos quatro, para as nossas refeições. Eram grandes e estavam gordos. Gostamos muito da carne de porco nas refeições.

EXCURSÕES — Recebemos muitas durante a semana e aos fim-de-semana.

No dia de Reis esteve cá uma que almoçou connosco no nosso refeitório. No fim, deram-nos a sobremesa e cantaram as Janeiras. Estão de parabéns.

FUTEBOL — Jogámos com o Rebordosa. Ganhámos por 7-4. Foi o primeiro jogo deste ano. O nosso treinador ficou contente por a sua equipa ter jogado tudo o que puderam. Estamos sempre prontos para jogar com outras equipas...

Filipe David

SETÚBAL

CONSOADA — Quando é Natal a malta anda sempre muito contente. No jantar, comemos batatas com bacalhau, couves, cenouras e nabos. À sobremesa, arroz-doce e leite-creme. A seguir levantámos as mesas, lavámos a loiça e deixámos tudo arrumadinho. Só depois é que fomos ver a nossa Festa, no salão.

FESTA — A nossa Festa na noite de Natal, foi bonita. Tinha muita música batida, peças engraçadas e jogos de luzes com muitas cores. Estavam cá, a ver, pessoas amigas da Casa que se divertiram e bateram muitas palmas.

Depois da meia-noite fomos todos para a Missa do Galo. As nossas Missas são muito bonitas porque os rapazes cantam bem. A seguir fomos para o refeitório comer coisas muito boas. No fim, recebemos as prendas. É o momento que a gente está mais à espera. O pessoal gostou, especialmente os miúdos mais novos. Nessa noite custa a adormecer. Por isso, no outro dia, levantámo-nos mais tarde.

TORNEIO — No dia 23 de Dezembro houve cá um torneio de futebol com a escola do Quinto. O torneio era para os mais pequenos e para os médios. O treinador era o Evelísio, que toma conta das nossas equipas. Ninguém foi campeão porque empatámos os dois jogos. A malta estava contente porque acharam que fizemos um jogo responsável, sem faltas, e tínhamos uma boa tática. Eles é que trouxeram as balizas porque as nossas eram grandes e jogámos a largura do campo. Depois, merendámos e fomos ensaiar a nossa Festa. Foi uma tarde bem passada e fizemos novos amigos.

Nuno Lagarto

TERRENOS — Com tanta chuva que tem caído, os terrenos estão encharcados e nem vale a pena andar nas terras. Também não podemos abrir valas com a charrua, para escoar a água, porque o tractor atasca logo. A nossa sorte foi já termos os campos semeados antes de começar a chover.

Amândio R. Francisco

TELHADO — Como o tempo abriu um bocadinho, começámos a arranjar o telhado da lavandaria e da garagem. As telhas são de lusite e já estão muito velhas e partidas. Algu-

mas que ainda estão boas, a gente aproveita-as para pôr no telheiro onde secamos a roupa porque, também tem algumas telhas estragadas. A ti Francisca está contente: a lavandaria ficará com um telhado novo.

Ricardo Garcia

ASSALTO — Na noite de sexta para sábado fomos mais uma vez assaltados.

Dois jovens entraram dentro de Casa pelo telhado, aproveitando a abertura de umas telhas de vidro deixadas para dar luz ao sótão onde se guardam as roupas novas.

A D. Conceição sentiu e foi chamar o Vicente e o Guilherme que os apanharam e os guardaram no seu quarto até de manhã. Eram três horas da madrugada.

Quando nos levantámos o Vicente foi ao quarto do Padre Acílio dizer-lhe e perguntar o que faria aos dois atrevidos.

Rezámos a oração da manhã e o Vicente levou-os para o refeitório onde se fez um tribunal, depois do pequeno-almoço. Era sábado e havia muito tempo.

Diante da malta tiveram de confessar quantas vezes já tinham feito o mesmo, pois daquela maneira era a quarta vez.

Os rapazes tinham 16 e 18 anos. Vieram de motorizada. Estiveram diante dos rapazes mais de meia hora e confessaram. No fim um dos mais velhos deu-lhes uma bofetada e ameaçou-os para não voltarem cá.

ESTRANGEIROS — Temos a trabalhar na lavandaria e na rouparia uma senhora da Albânia. Parece boa pessoa e é muito diligente.

Muitas mulheres novas portuguesas vêm aqui pedir esmola com os filhos. O Padre Acílio convidou umas quantas. Todas disseram que sim, mas nenhuma veio. Também não voltaram a vir cá pedir com medo que lhes atirássemos à cara a sua preguiça e mentira. A pedincha está na moda. É mais fácil pedir que trabalhar, mas o trabalho é que faz o homem, a pedincha destrói.

DISTRIBUIÇÃO D'O GAIATO — Traz sempre dificuldades. Agora, à sexta-feira, os vendedores passam a ir só à tarde por causa da Escola.

Alguns têm venda e dança. À sexta-feira, de quinze em quinze dias, os pequenos pregoeiros d'O GAIATO andam numa roda viva. É Escola, é venda e é dança. Acabam às 20,20 h. com a última aula na Academia, mas ajudam-se uns aos outros. O que é muito bonito!

ORAÇÃO — Hoje, na Capela, porque é Domingo, rezámos lá o Terço. Alguns não rezaram e instados sobre o porquê, disseram que não lhes apetecia.

RETALHOS DE VIDA

Filipe



Eu sou o António Filipe da Silva Tavares. Nasci na freguesia de Paranhos.

Sou cigano e gostava mais de viver nas minhas barracas com o meu pai, a minha mãe, o Zé e o Nelson.

Quando cá cheguei fiquei muito contente porque os meninos puseram-se todos à minha volta a contar-me coisas.

Gosto de estar cá, mas tenho saudades da minha mãe que já morreu.

Tinha um irmão chamado Samuel. Mas, um dia, o meu pai foi a Espanha e esqueceu-se dele lá. Nunca mais o vi e tenho saudades porque brincávamos os dois.

Também me lembro do meu cão, o Ninger. Também brincava com ele, e quando o meus pais saíam, fazia-me companhia.

Lembro-me que, um dia, uns ciganos maus foram às nossas barracas e deitaram-nas abaixo...

Ando na Escola Primária e gosto muito porque quero aprender.

Filipe Tavares

Continuação da página 1

Tanta esperança, em vão depositada, na estrutura política!... E o que resta para além do vil interesse?... Onde está o humanismo destes arranjos sociais?

Contaram-me a heroicidade de um padre italiano, no norte de Moçambique, que domina perfeitamente a língua nativa das populações e a elas se entrega em condições de precaridade semelhantes.

Os dirigentes da barragem de Cabora Bassa, testemunharam-me esta grandeza oculta numa alma sacerdotal dos seus sessenta anos. E pediram ajuda. Naturalmente que não a regateei!

Foi-lhes requerer uma sebenta para

Setúbal

registrar os óbitos das crianças, os quais eram tantos que ele desejava arquivá-los para se documentar.

A população com sida ultrapassa metade das pessoas e há aldeias quase desabitadas de adultos.

Como me empolgam estes testemunhos! Um europeu em África precisa de algumas condições para sobreviver. A sua natureza não suporta, como o africano, as inclemências do tórrido clima. A alimentação, a higiene, os cuidados de saúde, a habitação, os

transportes... Tudo precário... E há mais de trinta anos!...

Como gosto da minha Igreja!... Ali não se põe a situação económica do clero!... Não. Ali tudo é sublime!... Esses problemas são nada! Há a missão e isso enche a alma, a barriga, o coração e tudo... Não falta nada. Há Deus!

Oh Igreja, põe os olhos nestes teus filhos e alegra-Te! Olha o seu humanismo e copia-o! E deixa-Te de mediocridades!

Padre Acílio

DOCTRINA



De como nasceu o Lar do Ex-Pupilo dos Reformatórios

EU era ao tempo Assistente do Refúgio da Tutoria de Coimbra. Três rapazes saíram de lá, por limite de idade, e vieram ter comigo a pedir que os amparasse. Eu também não tinha casa; dormia num quarto do Seminário, por esmola do meu Prelado. Éramos todos pobres.

A CONTECE que veio a Coimbra o actual Director-Geral dos Serviços Jurisdicionais de Menores, Dr. Eurico Serra. Procurei-o para falar. — Senhor Doutor, o meu trabalho de Assistente Religioso rende muito pouco. — Sim, eu sei. Vamos remodelar a questão dos salários e ver se lhe podemos dar mais alguma coisa. Só então é que dei fé de que era um triste funcionário do Estado! Expliquei respeitosamente o significado daquele «rende muito pouco». Contei a história dos três moços. Abri horizontes. Pedi que me deixasse trabalhar. — Ande para a frente! Aluguei uma casa por trezentos escudos, em um dos pontos mais belos da formosa Cidade de Coimbra; e o dia de Ano Novo de 1941 vii à nossa mesa de jantar um pequenino grupo de quatro. Outros vieram-se juntar a nós, naufragados. Meses depois, mudávamos para um prédio de seiscentos escudos de renda; e o mesmo dia do ano seguinte juntou vinte e quatro ex-Pupilos no pequenino banquete, com um peru que alguém deu. Obras de amor não se fazem com dinheiro. Os orçamentos não cabem dentro delas.

PRECISAMENTE como nas Casas do Gaiato, também aqui vale a nossa divisa: *Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes*. O maioral, um dos do Reformatório, é verdadeiramente o chefe, com voz de comando e missão de servir. A própria governanta da Casa está sujeita e presta contas diariamente das despesas que faz. Todas as licenças e necessidades dos Pupilos passam pela mão dele. Os avisos em Comunidade são escutados em silêncio, respeitosamente. O Assistente Religioso do Lar que come à mesa e vive com os rapazes, não interfere directamente, a não ser em casos muito graves. Toda a sua arte está em saber agachar-se por detrás do maioral e fazer dele o seu porta-voz. Se o Assistente entra mais tarde no refeitório, ninguém se levanta, a não ser o maioral. Se é este que entra, todos se levantam, menos o Assistente. Assim se respeita a Autoridade. Até à data, passaram pelo Lar cinquenta e seis ex-Pupilos dos Reformatórios. Alguns tem havido que não suportam o clima moral e desistem, o que de maneira nenhuma condena a Obra, antes afirma o mistério que o homem é. São valores invertidos. A maioria, porém, aproveita. Um só que fosse, valia bem os trabalhos do Lar. A gente não sabe nunca o bem que faz — nem o mal. A altura dos corpos é a dimensão mais difícil de tirar; e é nela, precisamente, que se encontra toda a grandeza.

DAS dificuldades que esta Obra oferece, não é bom falar a ninguém. O rapaz do Reformatório traz opinião e vivências. Aqui, o trabalho doloroso está justamente no destruir males de raiz. De uma vez, fui dar com o maioral debruçado no leito, a chorar. — Que tens tu, rapaz? — Oh!, tire-me deste lugar, que eu não posso mais! Não tirei e foi reeleito. É justamente nestes trabalhos, a defender causas justas e honestas, que os homens se fazem santos e são homens. Por caminhos áspers é que se vai bem, di-lo o Evangelho. Sou sozinho. Não tenho concorrentes. Ninguém pede alvarás para estas empresas. Dá pena!

AQUI há tempos, um certo doutor quis muito o meu auxílio junto de um ministro da Nação para obter um alvará de ensino. — Ande, padre; o seu pedido vale. — Mas V. Ex.^a não necessita de alvará. Se tem a paixão do ensino, deixe a barca e as redes e venha mais eu ensinar. Temos todas as licenças. Foi-se embora. Não por ser rico, como era aquele moço que Jesus convidou, mas sim porque desejava sê-lo! Ainda não deu conta de que a condição essencial de fazer algo de grande no Mundo é, precisamente, renunciar a tudo, tudo, tudo quanto ele oferece. O Mestre teve infinito cuidado em preparar a Sua primeira gente e mandava os obreiros sem nada, a conquistar. Quem me dera ter visto as malas de Francisco Xavier!

Padre Acílio

(Do livro *Pão dos Pobres* — 4.º vol.)

Notas do Tempo

Continuação da página 1

É utopia?... Algo, sim, dadas as limitações e imperfeições do próprio homem, de que enferma também o seu produto. Mas a Utopia é um necessário pólo de atracção e o pensamento nela um constante alerta para todos os possíveis desvios dela.

E volto a Pai Américo, «um homem de um só Livro», de uma ideia fixa: o Evangelho. Foi «sal da Terra» — quanta corrupção ele evitou; quanto sabor bom deu ao que parecia impossível de saborear! Foi «luz do mundo» — e como ela ainda irradia! Porquê?... Porque acreditou e demonstrou pela vida que a Utopia do Evangelho é utopia, sim, pelas nossas imperfeições, pelos 100% que são vedados ao homem no quer que ele faça. De resto é motor, o único motor de todos os passos do homem que procuram de coração sincero, a Verdade, a Justiça, o Reino de Deus que está no meio de nós, para com Ele enxertarmos todos os reinos do Mundo que a História nos mostra bravios, infecundos de Fraternidade e de Paz.

Padre Carlos

Cartas

Minúscula ajuda

«Remeto cheque para ser aplicado naquilo que entenderem, pois sei das vossas necessidades. Isto é apenas uma minúscula ajuda em face do que fazeis por todas essas Crianças. Que Deus vos acompanhe em toda essa caminhada!

Assinante 8921»

Dívida

«Envio um donativo para que ajude a tapar um buraco entre tantos. É parte de dívida para com o meu Protector que continua a valer àqueles que dele precisam. No lugar privilegiado que Deus lhe destinou, continua a ser uma grande 'cunha' para os que necessitam.

Assinante 68727»

Família numerosa

«Há cinquenta anos que leio o vosso jornal, pois tenho assinatura.

Quando surgem despesas inadiáveis falto com o meu dever de vos escrever mensalmente.

Os oitenta e quatro anos, pouca saúde e uma família numerosa, às vezes, levam-nos a descurar as nossas obrigações.

Assinante 16123»

Inquietação sacerdotal

«Agradeço a Deus o bem que me faz a leitura do Evangelho, segundo O GAIATO!, enviando uma migalha, minha e de uma empregada.

Assinante 14847»

Oitenta e sete anos

«Agradeço tudo o que O GAIATO me traz, cada vez que o recebo. Comecei a ter contactos com a Obra da Rua quando tinha 25 anos, pelos artigos que o Padre Américo escrevia num Jornal de Coimbra e eu estava doente no Sanatório da Guarda. (Hoje tenho 87 anos!)

O Padre Carlos usará este cheque como entender e pagará a minha assinatura do Jornal em atraso. Claro que o cheque é anónimo, apesar de ter que ser assinado.

Assinante 33558»

Um conto por cada neto

«Atrasei-me a enviar a minha pequena ajuda para a vossa imensa Obra. O Senhor vos pagará tudo e sempre vos ajudará a vencer.

Leio sempre, com muito interesse, o vosso Jornal, principalmente as notícias de África — uma terra tão rica e onde tantos morrem de fome...!

Mando um cheque (mil escudos por cada neto) para que o Senhor os ajude a seguir no caminho do bem.

Assinante 51444»

Emoções

Eu não sou a marca Do automóvel que conduzo.

Eu não sou a atracção

Do perfume que uso.

Eu não sou a sedução

Das máquinas e da casa

Que habito.

Eu não sou o estilo

Da roupa que visto.

Eu não sou o emblema

De prestígio

Dos objectos do meu escritório.

Eu não sou o problema

Da cultura e do desporto.

Eu não sou a violência

Das cidades que visito

Com frequência.

Eu não sou o abuso

De consumo

Das famílias hipócritas.

Eu não sou o silêncio

Pérfido e comprometedor

Das sociedades poderosas.

Eu não sou a ilusão

Nem o pretexto

Do corruptor

Nas mentes dos inocentes.

Eu sou a Poesia

E a Utopia

Que cantam

E dançam

Dentro de mim

E de ti!

Manuel Amândio

Ora se nós fizéssemos o que nos apetecia pouco faríamos além de jogar a bola, ver televisão e comer. Quem faz só o que lhe apetece, caminha para a marginalidade. Faz-se um desgraçado. Quem força a sua vontade faz-se um homem. Rezar é uma actividade espiritual, custa mais que fazer qualquer serviço, mas faz muito bem. Prende o coração a Deus

e ao Bem, à Verdade, à Justiça e à Honra.

ELEIÇÕES — Com a ida do Guilherme para a tropa, por não ter conseguido adiamento, a vaga de chefe no Lar antecipou-se. Foi, por isso, necessário fazer eleições.

O Nuno, que era sub-chefe e tem correspondido com

aprumo e responsabilidade, passou a chefe e foi preciso substituí-lo.

Não temos outra maneira, se não a forma de eleições. Num dia, à noite, após o jantar, todo o pessoal do Lar se juntou na sala de jogos com a presença da D. Beatriz e do Padre Acílio e fomos a votos.

Saíram vencedores o Márcio Imaginário e o João Miguel,

respectivamente primeiro e segundo sub-chefes. É importante para todos e para eles próprios que desempenhem as suas funções com brio, sentido do dever, sem medo de desagradar aos rapazes. A verdade e a justiça são a base da vitória, não só destas mas de todas!

Repórter zero

Benguela

Continuação da página 1

grão de mostarda, a mais pequenina das sementes, destinada a dar uma planta grande aonde as aves do céu se vêm abrigar. O Reino de Deus está aí, com toda a Sua potência transformadora. Senhor do Céu, ajudai-me a descobrir sempre o caminho dos pequeninos! De tão habituado a ver na televisão a propaganda que se faz quando se dão uns fardos de roupa aos Pobres deslocados e alguns sacos de fuba e arroz, fico triste e humilhado ao pensar que mais parece promoção de quem dá à custa da miséria de quem recebe. Tal é a propaganda! Quem nos dera ajudas verdadeiramente eficazes na solução dos problemas.

Falei dos contrastes no início desta nota. No mesmo dia fui à busca de comida para esta gente. Passei um cheque para comprar três toneladas de farinha de milho. Era o preço de há dez dias atrás. Pois o carro trouxe pouco mais de metade da farinha. O dinheiro não deu para mais. Como é possível, em tão pouco tempo, um aumento do custo tão substancial!? Como é que este povo pode sobreviver mais? A fome é o maior inimigo da segurança social. E era tão fácil evitar estas situações! Dado que não é possível ter o milho, o feijão e outros produtos básicos de produção local, por todas as razões conhecidas e mais algumas, em quantidade suficiente e a preço razoável, que o Estado importe estes produtos, a fim de que os preços não subam em flecha incontrolável. Importam-se tantas coisas que poderíamos esperar melhores dias. A guerra é, sem dúvida, um factor determinante da situação social deplorável que se vive. Mas há outros factores: a mira do lucro fácil e anti-social. Numa economia de mercado livre, a lei da oferta e da procura dita o custo das mercadorias. Para ser aceitável a lei não pode marginalizar a dimensão humana e social, sob pena de se tornar selvagem. Que Deus nos livre de leis selvagens!

Está em construção o campo de jogos polivalente que nos foi oferecido pela coordenação do fundo social das companhias petrolíferas que actuam no mar de Angola. É um dom tão útil como necessário. Estou confiante de que muito nos vai ajudar na educação dos rapazes. Foi a realização dum sonho de há trinta e cinco anos! Tudo está a ser feito com muita discrição. Com certeza vai dar nas vistas mais tarde. Até aqui, nem Televisão nem grande Imprensa tocou no assunto. É ao nosso jeito. Obrigado!

Com um abraço para todos vós, do

Padre Manuel António.

PENSAMENTO

Oh arte sublime de fazer homens de bem!

PAI AMÉRICO

PATRIMÓNIO DOS POBRES

Renasce a esperança

AVANÇAM em ritmo acelerado, as obras na casa daquela família que, todas as noites, precisava de andar a fugir das pingas da chuva que a placa não vedava.

Levámos os materiais e deixámos o resto por conta do pai de família. Homem experimentado, este operário da construção civil não perdeu tempo e meteu mãos à obra. A esposa, nos dias de semana, abriu os caboucos onde se fundaram os pilares. Outros familiares vieram dar uma mão. Não faltará muito tempo para que o telhado esteja montado.

Já reina outra alegria nesta família. Já sonham em melhorar a sua habitação. Esta foi nascendo aos poucos, ao longo dos anos. Primeiro, aquela que é a parte mais pobre;

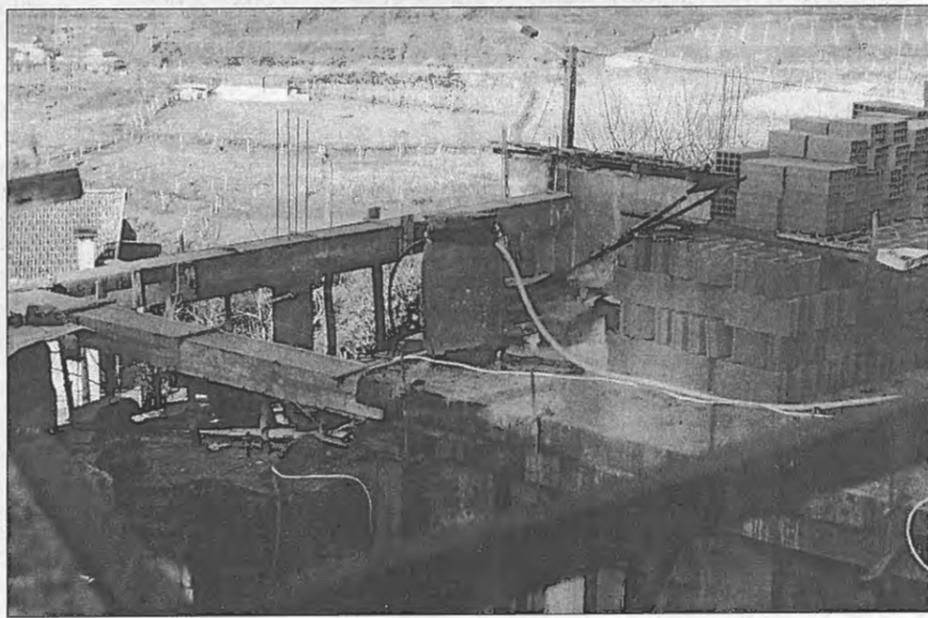
nem pilares de sustentação da placa levou. Depois as outras, à maneira de remedeio. Só a parte dos quartos teve uma construção mais sólida; mas, com o tempo, a placa foi abrindo caminho para a penetração da água das chuvas.

É a esperança que renasce. Não é em vão que se constrói. É toda a vida que ganha mais alento.

Outro casal que teve seu primeiro filho em Dezembro passado, está já também a construir o telhado da sua casa. O bebé ainda adoeceu como resultado da humidade que entrou no quarto. Esperamos que daqui não lhe venham más consequências. O pai anda afadigado em deixar a nova cobertura, rapidamente pronta.

A família que te apresentámos no último Património, depressa resolveu a questão da propriedade da casa. São seis irmãs que não se fizeram rogadas em a entregar à delas mais necessitada, cuja família lá habita. Feito o ajuste, e porque esta só tem para dar às irmãs a gratidão da fraternidade, alguém tem de lhe

◀ Obras na casa da família que precisava de fugir dos pingos da chuva.



ENCONTROS EM LISBOA

Histórias

UM dia destes, aconteceu uma pequena história cá em Casa. Veio o jantar para a mesa. Era jardineira. O aspecto era bom, mas as batatas estavam demasiado rijas. Começaram a esboçar-se as reclamações. Eis senão quando, antes que os clamores atingissem mais altos sons, entra o cozinheiro pelo refeitório dentro e pede para todos se calarem a fim de produzir o seu discurso. Começa assim: — *Eh malta!, sei que o comer não está muito bom... Fui dar aí umas voltas e o tempo passou e as batatas não estiveram o tempo suficiente no fogão... Desculpem lá...* Este pequeno discurso foi mimoseado por uma boa salva de palmas. Assim se premiou, não a comida mal feita, mas o facto de o «Vává» ser capaz de assumir o seu erro.

No dia seguinte, não sei se entusiasmado com as palmas, se por outro motivo, eis que se atrasa para fazer o pequeno almoço. Aí não vieram as palmas, mas uma valente vaia e eis o «Vává» a transpirar na azá-

fama de tentar encurtar os tempos do seu atraso. Espero que tenha percebido...

Por essa ocasião ouvia-se na televisão uma reportagem sobre miúdos institucionalizados. Arrepiou o seu testemunho. Não vou tecer considerações. Hoje interessa-me apenas destacar o que um deles dizia. Perguntado sobre o porquê de estar na Instituição afirmava que tinha feito um assalto, mas que a coisa tinha sido mal feita e fora apanhado; se a coisa tivesse sido bem feita não estaria ali. Lembrei-me de muitas histórias dos meus miúdos quando chegam. Há uma moral reinante que se descreve da seguinte maneira: «foste caço» ou «não foste caço»? Dependendo de uma ou outra situação a bondade ou a maldade do acto. Quanto tempo vai ser necessário para que se coloquem no seu interior novos dados que permitam um outro tipo de julgamento?!

Por esta altura, também, fomos assaltados umas três vezes, sendo-nos roubadas algumas ovelhas e dez cordeirinhos. Um dos pastores, desanimado com o sucedido, desabafava comigo: — *Mais valia levar-nas todas... Eles nunca são apanhados... Assim até vale a pena ser ladrão!*

Não sei se estas histórias têm muito a ver umas com as outras. Fica a sensação de que se está a construir uma moral social que pouco responsabiliza e, como tal, as coisas vão sucedendo. A impunidade é grande e nunca se olha à reparação do lesado. Criar consciência crítica e partir para

valores sobre o respeito pelos outros, pelas coisas, pela dignidade dos outros e a sua própria, exige muito tempo e muita paciência. Exige também um quadro social onde se possa perceber que nem tudo é válido. Infelizmente um dos condutores de opinião, hoje em dia com mais força, demitiu-se e faz o inverso. É a televisão. Parece que tudo aí é válido e, nas mentes das crianças e adolescentes, tudo se torna real. Fui confrontado com um estudo que concluiu o seguinte: «Em muitos programas de televisão consumidos por crianças e adolescentes, os valores são incoerentes, inconsistentes e caóticos, expõem a criança e o adolescente e não reforçam nenhum valor transmitido... Os programas infantis mostram uma média de cinco mortes por hora, em que as vítimas sofrem actos agressivos deliberados, não justificados, por raiva, retaliação, intenção de ter proveito... Poucas se prendem com a necessidade de defesa da vida ou cumprimento do dever. Em 60% dos casos os agressores não são punidos... O mesmo acontece com os video-jogos ou jogos para computador. Eis excertos de propaganda: ao super-homem que há em ti... ajuda a espatifar, esmagar, varrer e aniquilar o adversário, transformando-o em partículas microscópicas».

Chega como amostra e dá para perguntar se não precisamos de nos sentar um pouco a pensar no que estamos a fazer connosco e com os mais novos.

Padre Manuel Cristóvão

acudir. Não podemos deixar morrer este soldado no campo de batalha, pois tem sido uma heroína.

A paróquia tem em mãos a construção de quatro casas para outras tantas famílias pobres. Os vicentinos, para este fim, têm-se desdobrado em iniciativas para arrecadar os meios para as construir. Foi o nosso Padre Horácio que, na altura, benzeu a primeira pedra em terreno que havia sido adquirido. Esta paixão pelos Pobres por quem consumiu a sua vida, deu-lhe forças para não parar até à hora de partir.

É preciso manter acesa esta paixão. Os vicentinos desta paróquia têm-lhe sentido o sabor.

Não nos acomodemos! Que nas paróquias não se baixem os braços e cada uma «cuide dos seus Pobres». Enquanto os Pobres constroem suas casas, nós anunciamos-lhes a Boa Nova com tijolos e cimento. O que se pode fazer de melhor a um ser humano prostrado na vida, do que acender nele a mecha da Esperança?

Padre Júlio